

---

## **“Pensou que era marginal?”: Nando Gald, a pauta LGBTQIAPN+ e outros currículos de torcer no futebol<sup>1</sup>**

Marcelo Alves de Resende<sup>2</sup>

Leda Maria da Costa<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

### **Resumo**

Este trabalho objetiva refletir sobre a atuação de Nando Gald, torcedor-influenciador do Vasco e gay afeminado que conquistou notoriedade nas redes sociais e nos estádios ao acompanhar o clube. Com o conceito de ambiência (Anjos, 2022), verificaremos como Nando Gald conseguiu se fazer presente num estádio de futebol, esporte historicamente machista e LGBTfóbico. Com os estudos de Gustavo Bandeira, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, discutiremos gênero e sexualidade para problematizar as formas de organização social que só aceita a ideia de “macho” como ideal. O que fez com que ele sofresse ataques homofóbicos, revelados em vídeo em seu Instagram. Com a análise de conteúdo (Sampaio, Lycarião, 2021), analisaremos o vídeo para interpretar as problemáticas de gênero e sexualidade para desnudar a masculinidade hegemônica no futebol e pensar outros modos de torcer no futebol brasileiro.

### **Palavras-chave**

Futebol, gay afeminado, Vasco, Nando Gald, LGBTQIAPN+

### **Introdução**

Este artigo propõe refletir a atuação de Nando Gald, influenciador digital que, desde 2024, tem ganhado popularidade e seguidores no Instagram ao se apresentar como torcedor do Club de Regatas Vasco da Gama (CRVG). Nando Gald é um homem gay, cuja condição também passa por outros atravessamentos por ser negro e periférico, nascido e criado em Urucânia em Santa Cruz, na zona oeste do Rio de Janeiro<sup>4</sup>. Um conteúdo característico de Nando é fazer uso do humor para desconstruir padrões generificados com performance corporal atribuída socialmente nas concepções do que é considerado masculino e feminino (Butler, 2019, 2023). É comum Nando iniciar seus vídeos ou sequência de fotos com o rosto fechado e sério para mimetizar o que seriam gestos típicos de uma masculinidade heteronormativa. Porém, em seguida, Nando muda

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando e mestre em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde também se formou jornalista pela Faculdade de Comunicação Social (FCS). Possui mais de 10 anos de experiência em organizações e veículos como Alerj, *Esporte Interativo* e *LANCE!*. Autor do livro “7 a 1 nos jornais do Brasil”. E-mail: [mar.marceloresende@gmail.com](mailto:mar.marceloresende@gmail.com).

<sup>3</sup> Leda Maria da Costa, professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social. Pesquisadora do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte \_ Leme, Editora-chefe da Revista *Esporte e Sociedade*

<sup>4</sup> Segundo o Censo 2022, do IBGE, Santa Cruz possui 249.130 habitantes, com 112.773 domicílios. Números que põe o bairro como o terceiro mais populoso do Rio de Janeiro, ficando atrás de Campo Grande e Bangu, também bairros periféricos da zona oeste.

os trejeitos e age com uma performatividade do “gay afeminado” entoando o bordão “respeita a minha história”, valorizando a própria formação que teve enquanto indivíduo, ou seja, o próprio modo de ser enquanto um homem “gay afeminado” com expressões corporais que vão de encontro a um currículo de masculinidades predominante no futebol e fora dele (Bandeira, Seffner, 2024).

A atuação de Nando Gald vai além das redes sociais ao se fazer presente em dias de jogo no estádio de São Januário e seus arredores, um importante cenário para os conteúdos do “torcedor-influenciador”<sup>5</sup>. As ideias de Issaaf Kharawi (2016) ajudam a entender o contexto contemporâneo marcado pelo consumo da imagem de pessoas que se popularizam nas redes sociais digitais e que demonstram capacidade efetiva de impactar diretamente as decisões de consumo dos indivíduos. Nando Gald tem um patrocínio próprio e costuma participar de ações de marketing do CRVG, o que são indicadores de seu alinhamento com demandas mercadológicas tão presentes e questionadas no futebol (Santos, 2023). Há o interesse comercial do clube e de outras empresas, dado o poder de alcance de Nando nas redes, que buscam vincular-se ao Nando para fins comerciais dentro do contexto atual da própria imagem como mercadoria, como aponta Kharawi (2016). O futebol é um esporte no qual há disputas simbólicas que perpassam pelo viés do consumo. Só é possível disputar essas simbologias se se fizer presente nos estádios. A partir do momento que indivíduos, coletivos e grupos são impedidos de se fazerem presentes não se produz um futebol democrático. O esporte mais popular do país também exclui. Por outro lado, Nando segue uma trajetória diferente ao ser frequentemente acionado no contexto do clube e de sua torcida em momentos variados, como ocorreu no dia 25 de abril, quando marcou presença no evento de divulgação da nova camisa do time na loja Gigante da Colina (rede oficial de franquias do CRVG) no Shopping de Madureira, região icônica do subúrbio carioca. Essas ações demonstram a legitimidade que a imagem do torcedor-influenciador carrega consigo. Nando Gald pode ser considerado uma figura que transgride a lógica da dominação masculina tão presente no futebol brasileiro, sobretudo, nas representações e práticas torcedoras a partir de um ideal de masculinidade (Bandeira Seffner, 2024). Sua atuação aponta para possíveis transformações no âmbito do torcer, considerando que o ambiente futebolístico é, notadamente, marcado por manifestações machistas e homofóbicas. Entretanto, é importante salientar que Nando é, também, um

---

<sup>5</sup> Essa nomenclatura será daqui usada para tentar denominar, mesmo que provisoriamente, um fenômeno multifacetado como é o caso de Nando Gald.

agente dessas mudanças, afinal acreditamos ser possível considerá-lo como um ativista em defesa das pautas LGBTQIAPN+.

A sua ligação com o Vasco atraiu novos seguidores para seu perfil e mais visibilidade. Contudo, Nando passou a ser atacado via redes sociais e presencialmente, por performar um jeito de torcer que questiona a masculinidade heteronormativa dominante no futebol. O vascaíno, que em novembro de 2024 já contava com mais de 800 mil seguidores no Instagram, usou suas redes sociais, em julho de 2024, para revelar as ofensas e ameaças sofridas por ser LGBTQIAPN+<sup>6</sup> e, portanto, desviante dos padrões hegemônicos de masculinidade. Após o caso vir à tona, o CRVG defendeu Nando em postagem no X, o que demonstra o apoio do clube ao seu torcedor LGBTQIAPN+, um dos pontos da ambiência (Anjos, 2022) que permite a ascensão de Nando.

Este artigo analisa o vídeo de Nando Gald no Instagram, no qual revela violências sofridas e se posiciona diante desses casos. Recorremos à análise de conteúdo (Sampaio, Lycario, 2021) para tentarmos responder algumas questões: qual é o teor das mensagens de ódio recebidas por Nando Gald? Como esses ataques podem nos ajudar a entender a prática torcedora? Quais são as reações e os posicionamentos do influenciador? No que diz respeito às problematizações das temáticas de gênero e sexualidade, buscaremos ancoragem teórica nas propostas de Gustavo Bandeira, Guacira Lopes Louro e Judith Butler. Este trabalho fará uso do conceito de ambiência de Luiza Aguiar dos Anjos (2022) para compreender a conjuntura que torna possível o aparecimento e ascensão de alguém como Nando Gald.

### **O futebol que exclui: machista e mercadológico**

Bandeira e Seffner (2024) recorrem à noção de currículo para discutir a formação das práticas torcedoras, como um processo de aprendizagem: uma “série de normas, tradições, sugestões de possíveis recompensas, indicações promissoras de inclusão no grupo, algo que os sujeitos são reiteradamente incitados a fazer” (Bandeira, Seffner, 2024, p. 14). O torcer passa por múltiplos atravessamentos socioculturais definidos pelo contexto ao qual está inserido, constituindo diversos processos educativos: Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Goellner (2013) abordam pedagogias que produzem os

---

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/C9m8tljOuyV/?utm\\_source=ig\\_embed&ig\\_rid=b482e7d8-a9c2-4288-a7a4-8ab8f919bba7](https://www.instagram.com/reel/C9m8tljOuyV/?utm_source=ig_embed&ig_rid=b482e7d8-a9c2-4288-a7a4-8ab8f919bba7). Acesso em: 8 maio 2025.

indivíduos em espaços e instâncias sociais, ensinando o ser e estar no mundo e criando hierarquias ao aprovar ou desaprovar corpos e aparências. Ao destrinchar os atos performativos e a sua constituição de gênero (Louro, 2019) para desnaturalizar a concepção binária entre masculino e feminino e os seus respectivos papéis sociais, Judith Butler (2023) afirma que da mesma forma que se define um “homem” como “masculino” a partir do corpo que nasce com significados culturais, também é possível falar de um “homem” com performatividade “feminina”, e vice-versa, pois esses conceitos são construídos culturalmente pelas relações sociais. Se são construídos culturalmente, processo entendido por Butler como uma “construção fictícia” a partir da lógica dominante, o gênero é “performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero” (Butler, 2023, p. 56), isto é, “uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos” (Butler, 2019, p. 3). O futebol é um dos veículos dessa regulação. No torcer, os estádios de futebol são espaços nos quais se reproduz e se reitera – a repetição estilizada de atos (Butler, 2019) – um currículo de masculinidades por uma constante desvalorização das práticas homoeróticas, especialmente as vinculadas à passividade (Bandeira, 2009). Essa relação se evidencia no processo de construção das identidades e alteridades torcedoras, numa nítida diferenciação entre um “nós” e “eles”. O adversário é sempre o inferior, subalternizado com referências femininas e homossexuais por meio de cânticos (Bandeira, 2009).

O futebol é um dos únicos lugares onde os homens têm a permissão de manifestar certas emoções e fragilidades sem o risco de ter a sua masculinidade questionada. O futebol reproduz uma homossociabilidade num processo ritual em que a condição de heterossexuais dominadores precisa ser afirmada e reafirmada (Arlei Damo, 2007). Configura-se a alteridade a partir de características negativas lançada sobre time e torcida rivais com práticas e ações que são entendidas como naturais dentro dos estádios, mas que fora deles poderiam ser inadequadas (Bandeira, Seffner, 2024). Existem coletivos e movimentos de torcedores que lutam pela democratização do futebol, sobretudo nas arquibancadas. Uma disputa por outros sentidos de torcer tem se fortalecido, nos últimos dez anos, mas que já se manifestava durante o último período ditatorial no Brasil com presença de 22 torcidas gays identificadas por Luiza Aguiar dos Anjos (2022), sendo a Coligay (Grêmio) de maior destaque, conseguindo, inclusive, se fazer presente nos estádios, desarticulando ideais de masculinidade hegemônica do futebol (Anjos, 2022), apesar de compactuar com determinados códigos do futebol – o torcer. Nos anos 2010,

com a arenização e elitização do futebol no ciclo Copa do Mundo e Olimpíadas, surgiram grupos de torcedores preocupados com o direito de torcer, encampando pautas nas redes sociais contra ingressos caros (Teixeira, 2021) – os pobres são descartáveis (Bauman, 2008) – e padrões normativos da masculinidade hegemônica que restringe a participação de mulheres e da comunidade LGBTQIAPN+ no futebol (Pinto, 2014).

Por questões sociais (Mascarenhas, 2019) ou preconceito contra quem foge dos padrões idealizados de masculinidade, determinados corpos estão sendo excluídos das arquibancadas, fazendo do futebol um ambiente antidemocrático ao reiterar uma perspectiva única de consumo (Bauman, 2008) e jeito de torcer, o que torna o trabalho sobre Nando Gald ainda mais instigante para verificar como o torcedor-influenciador do Vasco conseguiu ganhar visibilidade no futebol e frequentar as arquibancadas de São Januário sendo gay afeminado e um jovem negro oriundo do subúrbio do Rio de Janeiro.

### **Nando Gald e a desestabilização da masculinidade hegemônica no futebol**

Em 2019, o jogo entre Vasco e São Paulo foi paralisado pela arbitragem por motivos de gritos homofóbicos da torcida vascaína contra jogadores do São Paulo<sup>7</sup>, cena presenciada pelo autor deste trabalho. A partir de 2021, o Vasco fez uma série de ações em apoio à causa LGBTQIAPN+, com lançamento de camisas oficiais nas cores do arco-íris, manifestos contra LGBTfobia e transfobia no futebol, carta aberta a torcedores em apoio à população LGTBQIAPN+, bandeiras nas arquibancadas com o símbolo do clube com arco-íris e campanhas educativas no estádio de São Januário. Soma-se a isso o resgate recente da memória que o clube faz da sua luta por negros e pobres no futebol, cujo trabalho relembra o que aconteceu na década de 1920, quando o clube recusou-se a se desfazer de seus atletas negros e pobres ao ser obrigado pelos clubes de elite<sup>8</sup>. Uma série de campanhas que resgata o caráter popular do Vasco, que usa o lema “O legítimo clube do povo”. Para o sucesso da Coligay durante a última ditadura-civil militar, Anjos (2022) aborda que houve a “fórmula perfeita”, caracterizada pelo processo de redemocratização, mudança de costumes com maior circulação de indivíduos LGBTQIAPN+, a contracultura, o apoio institucional do Grêmio, negociação com os

<sup>7</sup>Árbitro paralisa jogo em São Januário após gritos homofóbicos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/08/arbitro-paralisa-jogo-em-sao-januario-apos-gritos-homofobicos.shtml>. Acesso em: 6 jun. 2025.

<sup>8</sup> Ver: MARCOLAN, Letícia Costa. “O profeta vascaíno”: a ascensão política de Eurico Miranda no Club de Regatas Vasco da Gama (1986-2001). 142 f. Dissertação (Memória e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/62e6145e-aac3-44c4-ba76-d2401a118e70>. Acesso em: 24 maio 2025.

significados do torcer pela Coligay como a torcida pelo Grêmio, uma espécie de “são bichas, mas são nossas” (Anjos, 2022). O amor pelo clube em primeiro lugar, ligado à ideia de que a torcida gay do Grêmio seria “pé quente” por ter surgido num momento de vitória do clube, após período sem títulos<sup>9</sup>. Embora Nando ainda seja uma exceção dentro do próprio ambiente do Vasco e do futebol brasileiro: pessoas LGBTQIAPN+ consomem futebol, mas estão invisibilizadas. O lançamento de manifestos contra a LGBTfobia, camisas oficiais LGBTQIAPN+, campanhas socioeducativas e recuperação da memória do clube em favor da inclusão e o fato de Nando já ter uma base de cerca de 200 mil seguidores formam a “fórmula perfeita” no contexto do Vasco: a ambiência que permitiu o surgimento de Nando Gald, um gay afeminado, nas arquibancadas em jogos do CRVG. Apesar de conquistar espaço e legitimidade na torcida do Vasco, ainda existem aqueles que não aceitam a ascensão de pessoas LGBTQIAPN+, mesmo vascaínos que se orgulham da histórica luta do clube por pluralidade e inclusão. Nando revelou sofrer ofensas pelo seu jeito de torcer como gay afeminado ao divulgar duas delas em seu Instagram. Usamos a análise de conteúdo como metodologia, pelo viés qualitativo, para a análise do referido vídeo publicado por Nando Gald.

Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (Sampaio, Lycarião, 2021, p. 17).

O vídeo de Nando possui cinco minutos e treze segundos. Ao contrário de outras publicações, não há humor, característica marcante do influenciador, que está sério (diferente daquele usado para performar masculinidade) e triste. O torcedor-influenciador do Vasco aparece sozinho com uma camisa do clube cujo símbolo é a mão negra fechada do antirracismo, com os dizeres “Respeito, Igualdade e Inclusão”. Com a análise de conteúdo, é possível descrever a cena montada por Nando Gald com a sua fisionomia e significados da luta do clube por inclusão no futebol. No caso do torcedor-influenciador, deseja relembrar, com o uso da camisa, a luta do clube pela inclusão e que, agora, deveria ser para todos, não apenas para negros e operários. A análise de conteúdo permite identificar que a fala e o rosto tristes, sentado no sofá como num divã para “desabafar” e a camisa do Vasco são elementos cujos significados demonstram um assunto sério, fora

<sup>9</sup> A ideia de pé-quente da Coligay chamou a atenção do Corinthians, que convidou a torcida gremista para torcer para o clube nas finais do Campeonato Paulista de 1977. O Corinthians venceu a Ponte Preta e encerrou um jejum de 23 anos sem título, com apoio da Coligay (Anjos, 2022).

do retratado por Nando no dia a dia. Portanto, Nando (emissor) monta um contexto para a mensagem que deseja transmitir, conseguindo comunicar a seus seguidores (receptores) a ideia do vídeo. Nando Gald inicia reproduzindo duas mensagens recebidas de dois homens.

Mano, para de usar a camisa do Vasco quando for fazer essas graças aí de... Entendeu? Já imitando homossexual, essas coisas... Pô, tá louco. A gente já sofre demais, mano. A mídia já não... já é contra... É todos contra a gente, mano. Entendeu? E daí... Pega, não tem mais isso aí, pô. Tá louco, os caras ficam de chacota com a nossa cara por conta disso. Eu sou vascão também, assim como você... Como você deve ser, né? Mas, pô... Tá louco pra ir aguentando chacota dos caras na rua, mano. Minha parada não é nada contra você não, entendeu? Só é na hora que você veste o manto... Por mais que fale essas coisas aí, pô. Tá louco (Gald, 2024).

O que o pessoal tá falando aqui? Não tem nada contra você, entendeu? Nem é intriga, nem nada... Não quero com ninguém. Mas, pô... Tá num grupo de futebol, de boleiro... De jogador de final de semana... Os caras mandam figurinha, mandam vídeo seu. Tá louco, mano. É, tipo, meio que enfeia, né? A história do Vasco, pô. Tá louco (Gald, 2024).

As ofensas demonstram que a performatividade de Nando Gald, que fica “imitando homossexual”, é compreendida como “chacota” de outros homens torcedores de times rivais. A palavra “chacota” é apresentada como negativa e põe a homossexualidade e a feminilidade como inferiores ao ideal do macho. Da mesma forma que Monique Wittig (2019) desmitifica o mito de mulher, ao apresentar a categoria socialmente construída por uma sociedade heterossexual, que naturaliza e hierarquiza a definição em termos biológicos do sexo, Nando Gald o faz na prática ao desmistificar o ideal de uma única masculinidade. Os dois ataques sofridos por Nando Gald colocam o modo de torcer – e de ser – do influenciador como algo a ser combatido, uma vez que foge à performatividade (Butler, 2023) masculina. Mulheres e indivíduos LGBTQIAPN+ – os “anormais” – estão socialmente à margem do centro – o “normal” – masculino heterossexual (Louro, 2013). São apresentados os discursos e valores presentes socialmente que legitimam apenas a heterossexualidade masculina como a forma de ser e agir nas relações. O fato de um dos agressores, que não tiveram suas identidades reveladas, dizer que Nando Gald imita homossexual demonstra como a masculinidade heteronormativa é vista como algo natural, sendo quaisquer formas divergentes dela como exagerado, forçado, bizarro e errado. Na linha de Wittig (2019), Judith Butler (2023) critica a binaridade masculina e feminina ao afirmar que não é possível associar comportamentos ao gênero e ao sexo, socialmente construídos, sem causas biológicas. Assim, há infinitas maneiras de corpos masculinos e femininos existirem e performarem,

inclusive aceitando legitimamente a ideia de um homem com “características femininas”. O primeiro comentário questiona até se Nando Gald é vascaíno: “Eu sou vascaão também, assim como você... Como você deve ser, né?” (Gald, 2024). Se Nando Gald performasse uma masculinidade viril – o mito do homem –, exigido por essa normatividade, dificilmente teria sua identidade enquanto homem e torcedor do Vasco questionada. O segundo apresenta um contrassenso ao discurso do próprio CRVG ao dizer que o jeito de torcer de Nando Gald enfeitaria a história do clube, que se porta com o lema de “Respeito, Igualdade e Inclusão” em favor de causas sociais no futebol.

O teor das mensagens ofensivas ativa o currículo do torcer no futebol, que coloca a masculinidade heterossexual como referência (Bandeira, Seffner, 2024). As normas e a tradição são reforçadas para lembrarem a Nando que ele não é bem-vindo no futebol. Uma pedagogia do torcer (Bandeira, 2010) que é reiteradamente ativada para evitar que pessoas como Nando Gald se façam presentes nos estádios. Incomodado, Nando afirma que, a partir daquele vídeo, quaisquer ofensas recebidas sobre ser homossexual seriam levadas à justiça. Ao negar a imposição social de uma masculinidade heteronormativa, Nando Gald se posiciona ao dizer que “eu não vou ficar me moldando por causa de uns e outros que estão incomodados da forma que eu torço, da forma que eu grito, da forma que eu falo, entendeu?” (Gald, 2024). O vascaíno entende o próprio jeito de torcer como algo político pela democratização dos estádios de futebol para a população LGBTQIAPN+ (informação verbal<sup>10</sup>) ao afirmar que não vai se calar: “A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar” (Rancière, 1996, p. 42-43). Otorcedor-influenciador entende-se como um indivíduo capaz de modificar regras hegemônicas e excludentes do futebol, fenômeno que merece atenção nos próximos anos.

### **Considerações provisórias**

O torcedor-influenciador do Vasco revelou que torcedores LGBTQIAPN+, mais comedidos e dominados pela lógica masculina e heteronormativa, pedem a ele nos estádios para que continue com o próprio jeito de torcer (Ribeiro, 2024). Em certa medida, existe uma demanda para que essa pedagogia do torcer que ainda se mostra forte no futebol seja repensada para que o esporte mais popular do país se torne democrático, mais

---

<sup>10</sup> Fala no evento 100 anos da Resposta Histórica: antirracismo e antigbtphobia no futebol, realizando pelo Leme, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em novembro de 2024.

um ponto que constrói a ambiência para o surgimento de torcedores como Nando. Uma maneira de repensar o torcer exige o envolvimento de todos os atores do futebol, como jogadores, dirigentes, clubes, federações, CBF, imprensa etc. para que seja possível criar uma ambiência atual para indivíduos LGBTQIAPN+ acessarem os estádios. Essas medidas (ou ausência delas) serão acompanhadas com o avançar da pesquisa, que também permitirá uma maior problematização a respeito de influência digital, os patrocinadores de Nando – um deles é uma casa de apostas –, o mapeamento da relação de Nando com o Vasco e o futebol. Após as ofensas sofridas por Nando Gald, em nota no X, no mesmo dia que o vídeo de Nando Gald foi divulgado, o Vasco o defendeu, colocando-se contra o preconceito no futebol e reafirmando o acolhimento de todas as diferenças ao citar o lema “Respeito, Igualdade e Inclusão”, citando nominalmente Nando Gald (Club de Regatas Vasco da Gama, 2024). Somando ao já mencionado, tal gesto do CRVG, pouco provável há um tempo, contribui para a ideia de ambiência que permite o aparecimento de um torcedor como Nando Gald fisicamente nas arquibancadas.

## Referências

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês**: Uma história da Coligay. Santos: Dolores Editora, 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. “Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”: Currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Pedagogias do futebol e do torcer. In: BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. (Orgs.). **Pedagogias do futebol e do torcer**. Porto Alegre: Cirkula, 2024, p. 11-44.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUTLER, Judith. Atos performativos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e a teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 213-229

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 25ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2023.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. O Vasco da Gama [...]. Rio de Janeiro. 19 jul. 2024. X: @VascodaGama. Disponível em: <https://x.com/VascodaGama/status/1814374598474899584>. Acesso em: 8 maio. 2024.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à Profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

GALD, Nando. **Então, meu povo!** Rio de Janeiro. 19 jul. 2024. Instagram: @nandogald. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/C9m8tljOuyV/?utm\\_source=ig\\_embed&ig\\_id=b482e7d8-a9c2-4288-a7a4-8ab8f919bba7](https://www.instagram.com/reel/C9m8tljOuyV/?utm_source=ig_embed&ig_id=b482e7d8-a9c2-4288-a7a4-8ab8f919bba7). Acesso em: 8 maio 2024.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: **Tendências em comunicação digital**, organizado por Elizabeth Saad e Stefanie C. Silveira, p. 38-58. São Paulo: ECA-USP, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. Prefácio a 9ª edição. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MASCARENHAS, Gilmar. **O direito ao estádio**. Ludopédio, São Paulo, v. 119, n. 12, 2019. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/o-direito-ao-estadio/>. Acesso em: 23 maio 2025.

PINTO, Maurício Rodrigues. Torcidas queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. **Ponto Urbe**, São Paulo, Brasil, v. 14, p. 1–12, 2014. DOI: 10.11606/xppna873. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/220766>. Acesso em: 2 maio 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** – Política e Filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

RIBEIRO, Emanuelle. Gay, drag queen e torcedor do Vasco: respeite a história de Nando Gald. Ge.com. 28 jun. 2024. Caderno Vasco. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2024/06/28/gay-drag-queen-e-torcedor-do-vasco-respeite-a-historia-de-nando-gald.ghtml>. Acesso em: 2 maio 2025.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diogenes. **Análise de Conteúdo Categorial**: manual de aplicação. Coleção Metodologias de Pesquisa. Brasília: Enap, 2021.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. **A produção do clube**: Poder, Negócio e Comunidade no Futebol. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Políticas e formas de torcer: novas faces do associativismo torcedor no Brasil. In: FISCHER, Thomas; Romy Köhler, Stefan Reith. (Org.). **Fútbol y sociedad en América Latina**. 1ª ed. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2021, v. 27, p. 209-218.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 83-92.